24 A SEMANA DE ARTE MODERNA

MOMENTO HISTÓRICO

Após a República da Espada, o país conheceu uma série de presidentes civis ligados ao setor agrário, fortalecidos pela economia do café, beneficiando os grandes proprietários rurais de São Paulo e de Minas Gerais. Por outro lado, as grandes cidades brasileiras conheceram um período de transformação em que se tornavam cada vez mais urbanas, especialmente a cidade de São Paulo, em virtude do avanço notável da indústria.

A Primeira Grande Guerra foi fator preponderante para a industrialização paulistana e sua consequente industrialização. Surgia, assim, uma burguesia industrial cada vez mais fortalecida economicamente, mas ainda marginalizada pela política governamental, voltada tão somente à exportação do café.

Socialmente, São Paulo era palco de uma diversidade de tipos: imigrantes europeus, migrantes nordestinos, ex-escravos, burgueses, operários, senhores de café, enfim, toda a espécie de gente existia na nova metrópole. Econômica e politicamente, a cidade era agitada pelos movimentos operários, pelo surgimento de grupos anarquistas e comunistas e pelo intenso conflito entre o urbano e o rural. Greves e revoltas eclodiam e a cidade vivia a tensão da modernidade.

VANGUARDA NACIONAL

Nas primeiras décadas do século XX, a arte brasileira começou a demonstrar as influências que vinham da Europa, principalmente na pintura e na escultura. Segall, pintor lituano naturalizado brasileiro, expõe telas de caráter marcadamente expressionistas, Anita Malfatti faz uma exposição pela qual recebe duras críticas de Monteiro Lobato e vários outros artistas plásticos, como Victor Brecheret e Di Cavalcanti já buscavam alguma sintonia com os movimentos europeus.



BRECHERET, Victor. *Monumento às Bandeiras*, 1953

Na literatura, Oswald de Andrade é o precursor de alguns passos rumo a novas experiências estéticas: sua viagem para a Europa apresentou-lhe o Futurismo de Marinetti. Segue-se a Oswald um conjunto de jovens escritores ansiosos por rupturas: Mario de Andrade, Menotti del Picchia, Manuel Bandeira e Graça Aranha.

Engana-se aquele que tem em mente que a Semana de 22 representou uma revolução, um movimento popular rumo a uma nova perspectiva estética ou talvez a rejeição da população da arte já estabelecida. Os vanguardistas brasileiros, em sua maioria, tinham origem rica, muitos deles ligados aos barões do café, trazendo inúmeras contradições ao movimento: por um lado, a exaltação da modernidade, da urbanidade e, por consequência, da própria cidade de São Paulo; por outro a crítica feroz à burguesia, principalmente aquela industrial, motivada indubitavelmente pela condição social e histórica dos modernistas.



Charge de um jornal carioca a respeito do movimento vanguardista paulistano

Em um contexto político de afirmação do estado de São Paulo e a rivalidade com a capital federal, houve diversos apoios expressivos às ações desses novos artistas. Chefes políticos apadrinharam artistas em dificuldades financeiras, inclusive bancando bolsas de estudo no exterior. A Semana de Arte Moderna contou com patrocinadores importantes financeira e economicamente além de ter a simpatia dos dirigentes políticos da região.

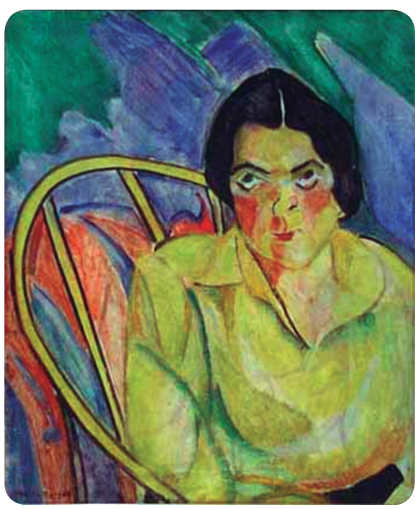


Aristocracia rural paulista. Ao centro, Monteiro Lobato senta-se no colo do jovem Oswald de Andrade.

No plano estético, é certo também que o movimento ainda era bastante desorganizado, sem uma linha própria, uma personalidade. Não foram raras as vezes que a crítica limitou a produção dos modernos a mera cópia do futurismo italiano, causando grande revolta nos líderes da vanguarda brasileira, especialmente em Oswald de Andrade e Plínio Salgado. A ideia da Semana tenta dar uma resposta a essa desorganização, à falta de unidade de um movimento que nem era ainda um movimento.

Estava claro, como afirmou Oswald que eles não sabiam o que queriam, mas sabiam o que ***não*** queriam.

POLÊMICAS E UNIÃO



Anita Malfatti, *A boba*

Ironicamente pode-se afirmar que Monteiro Lobato, um dos maiores críticos do Modernismo, tem grande importância na construção da Semana e do novo movimento literário. Em 1917, Anita Malfatti faz sua segunda exposição de pinturas em São Paulo, nas quais apresenta obras expressionistas, que retratavam figuras humanas distorcidas, caricaturais. O que parecia ser apenas mais uma exposição de "arte nova" transformou-se em enorme polêmica quando o Estado de S. Paulo publica o artigo assinado por Monteiro Lobato, intitulado *Paranoia ou mistificação*, no qual critica duramente o trabalho da artista, sem ao menos ter ido à sua mostra:

"Há duas espécies de artistas. Uma composta dos que vêm as coisas e em consequência fazem arte pura, guardados os eternos ritmos da vida, e adotados, para a concretização das emoções estéticas, os processos clássicos dos grandes mestres.

(...)

A outra espécie é formada dos que vêm anormalmente a natureza e a interpretam à luz das teorias efêmeras, sob a sugestão estrábica de escolas rebeldes, surgidas cá e lá como furúnculos da cultura excessiva. São produtos do cansaço e do sadismo de todos os períodos de decadência; são frutos de fim de estação, bichados ao nascedouro. Estrelas cadentes, brilham um instante, as mais das vezes com a luz do escândalo, e somem-se logo nas trevas do esquecimento.

Embora se deem como novos, como precursores de uma arte a vir, nada é mais velho do que a arte anormal ou teratológica: nasceu como a paranoia e a mistificação.

De há muito que a estudam os psiquiatras em seus tratados, documentando-se nos inúmeros desenhos que ornam as paredes internas dos manicômios.

A única diferença reside em que nos manicômios essa arte é sincera, produto lógico dos cérebros transtornados pelas mais estranhas psicoses; e fora deles, nas exposições públicas zabumbadas pela imprensa partidária mas não absorvidas pelo público que compra, não há sinceridade nenhuma, nem nenhuma lógica, sendo tudo mistificação pura.

(...)

Estas considerações são provocadas pela exposição da sra. Malfatti, onde se notam acentuadíssimas tendências para uma atitude estética forçada no sentido das extravagâncias de Picasso & Cia.

(...)

Sejamos sinceros: futurismo, cubismo, impressionismo e tutti quanti não passam de outros ramos da arte caricatural. É a extensão da caricatura a regiões onde não havia até agora penetrado. Caricatura da cor, caricatura da forma – mas caricatura que não visa, como a verdadeira, ressaltar uma ideia, mas sim desnortear, aparvalhar, atordoar a ingenuidade do espectador."

Para defender a jovem pintora, reuniu-se um grupo de artistas como Oswald e Mario de Andrade, Di Cavalcanti, Guilherme de Almeida, Menotti del Picchia e muitos outros. Em verdade, mais que respaldar Anita, faziam a defesa da arte moderna, da sua própria expressão. Estava lançada a semente da Semana.

Anita, de personalidade tímida, largou o modernismo. Caiu em forte depressão e chegou a abandonar a pintura por quase um ano. Apesar de ter participado da Semana de 22, jamais voltou a pintar como antes, adotando um estilo mais conservador, sem conseguir alcançar grande reconhecimento de público ou crítica.

Acentuando as polêmicas, Mário de Andrade publica, anos mais tarde, uma série de ensaios em que critica, abusando da ironia e do sarcasmo, os poetas parnasianos, tratados de *Mestres do passado*. Todas as polêmicas levavam a um amadurecimento estético em torno de ideais modernos. A adesão de Graça Aranha, diplomata e membro da Academia Brasileira de Letras, confere inesperado respaldo e seriedade intelectual ao movimento, criando condições objetivas de uma semana que apresentasse a arte moderna.

PARA "CHOCAR A BURGUESIA"



Capa do catálogo da Semana, por Di Cavalcanti

No final de janeiro de 1922 uma nota publicada no Estado de S. Paulo avisava que haveria uma "Semana de Arte Moderna", dando início aos preparativos do evento que ocorreria no Teatro Municipal de São Paulo entre 11 e 18 de fevereiro do mesmo ano. Desde o primeiro até o último dia foram expostas pinturas e esculturas de Anita Malfatti, Vicente do Rego Monteiro, Zina Aita, Di Cavalcanti, Victor Brecherete entre outros.

Com ingressos caros e vendidos em locais de frequência da elite econômica paulistana, a Semana não foi, ao contrário do que muitos pensam, um evento popular. Pensada e realizada pela nata da classe média alta de São Paulo, não apresentava propostas de natureza política, limitando-se à renovação estética das artes, com duras críticas ao conservadorismo, representado pelas escolas artísticas anteriores.

Essa crítica pouco teria de um real fundo nacionalista, visto que a Semana de Arte Moderna realizou-se a fim de divulgar o ideal artístico europeu, exatamente o que sempre acontecera na literatura brasileira. O evento guardou os dias 13, 15 e 17 de fevereiro para apresentações de palestras, leituras e apresentações de música e dança.


Theatro Municipal

SEMANA DE ARTE MODERNA

PROGRAMMA DO PRIMEIRO FESTIVAL

SEGUNDA-FEIRA, 13 DO CORRENTE — A's 20.30 horas

1a PARTE

Conferencia de Graça Aranha:

A emoção esthetica na arte moderna, illustrada com musica executada por Ernani Braga e poesia por Guilherme de Almeida e Ronald de Carvalho.

Musica de camera

VILLA-LOBOS

1 — Sonata II de violoncello e piano — 1916).
A (Allegro Moderato — B (Andante — C (Scherzo — D (Allegro vivace sostenuto e final.
Alfredo Gomes e Luciliu Villa-Lobos.
2 — Trio Segundo (1916) violino, cello e piano.
A (Allegro Moderato — B (Andantino calmo (Berceuse-Barcarola) — C (Scherzo-Spirituoso — (Molto Allegro e final.

2a PARTE

Conferencia de Ronald de Carvalho:

A pintura e a esculptura moderna do Brasil

3 — Solos de piano — Ernani Braga.
(1917) A (Valsa Mystica — (Da simples collectanea (1919) B (Camponeza Cantadeira — "Da suite floral", (1921) C (A Fiandeira.
4 Ottetto — (Tres dansas africanas)

A (Farrapos — (Dança dos moços) 1914.
B (Kankukus — (Dansa dos velhos) 1915.
C (Kamkikis — (Dansa dos meninos) 1916.

Violinos, Paulina d'Ambrosio, George Marinuzzi, Alto, Orlando Frederico,

Violoncellos, Alfredo Gomes, Basso, Alfredo Carezana, Flau-

Ingresso com o programa da primeira noite de conferências

Coube a Graça Aranha abrir o primeiro dia de conferências com a palestra "A emoção estética na arte moderna", dando suporte acadêmico ao movimento. A conferência não chegou a causar comoção, ficando a polêmica da noite pela música de Ernani Braga, que fazia uma sátira a Chopin, causando reclamações e protestos, inclusive de artistas que iriam apresentar-se no evento, como a pianista Guiomar Novaes.

O segundo dia foi o mais conturbado, devido ao comportamento da plateia que vaiou, latiu, relinchou, gritou e aplaudiu a leitura de poemas e fragmentos de prosa apresentados por Oswald e Mário de Andrade. A reação foi tão inesperada que Mário de Andrade, no intervalo entre as partes do programa, foi praticamente impedido de fazer uma pequena palestra sobre as obras ali expostas, sendo caçoado e ofendido duramente. Sobre o fato, chegou a dizer, anos mais tarde: "Como pude fazer uma conferência sobre artes plásticas, na escadaria do teatro, cercado de anônimos que me caçoavam e ofendiam a valer?"

O ponto alto da segunda noite, entretanto, foi a leitura do poema "Os sapos", de Manoel Bandeira, lido por Ronald de Carvalho, em uma crítica aberta à estética parnasiana, tida como o modelo de literatura nacional. O público urrava e vaiava, fazendo coro de modo a ironizar o refrão "Foi... – Não foi!...".


— THEATRO MUNICIPAL —

AMANHAN — 17 DE FEVEREIRO

3.o e ultimo grande festival da

Semana de ARTE MODERNA

com o concurso de

VILLA-LOBOS

No saguão do theatro, exposição de pintura e esculptura.

Preços — Cadeiras 5$300

Bilhetes á venda no Theatro Municipal

Anúncio da terceira noite do festival

O último dia, já com o teatro esvaziado, teve um público mais respeitoso para acompanhar o último dia do festival. As únicas vaias aconteceram na entrada do maestro Heitor Villa-Lobos, que trajava a tradicional casaca, mas com chinelos de dedo! A atitude foi interpretada como uma ação futurista manifestando-se na hora. Depois, Villa-Lobos explicaria que não se tratava de vanguardismo, mas de um calo que não o permitiria calçar seus sapatos...

Os jornais acompanharam o que ocorria no Teatro Municipal e apesar de alguns deles tecerem críticas e fadarem o movimento ao fracasso, os artistas tiveram garantido um bom espaço de defesa nos periódicos, até porque muitos deles tinham colunas nos jornais e fizeram eles mesmos sua própria crítica – bem mais favorável, é claro. Não se pode esquecer que os modernistas contavam com o apoio de parte da imprensa além de importantes setores econômicos e políticos.

Quando analisada isoladamente, a Semana de Arte Moderna não parece merecer tanta atenção. Além das vaias pouca coisa aproveitável ocorreu no evento. Os jornais que cobriram o evento não foram tantos e nem dedicaram tanto espaço assim ao festival, somado à própria defesa dos artistas nas colunas em que produziam; a opinião pública manteve-se distante do evento e, fora a alta sociedade paulistana, muitos nem souberam de sua realização.

Contudo, pode-se dizer que seu saldo histórico é positivo – mesmo que alguns vejam como produto de publicidade – em razão de apresentar uma proposta de ruptura e de renovação, ainda que não sistematizadas e carentes de um projeto estético comum. Outro ponto positivo foi conseguir reunir uma gama de artistas de diferentes áreas, aproximando literatura, artes plásticas, músicas e danças. O mais notável da semana foi criar a polêmica, lançar novas ideias e criticar os modelos técnicos e estéticos vigentes. Foi o pontapé inicial para que se pudesse produzir uma nova arte no país e seus reflexos ainda se fazem perceber na arte que se produz atualmente.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

01. (UERJ)



Capa do livro Pau-Brasil (1925), de Oswald de Andrade.
http://pga.com.br

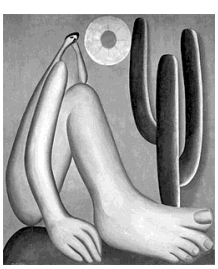
É certo que a capa de um livro é a marca de um produto que quer atrair o leitor. A associação seria mais certeira se esse leitor a relacionasse ao contexto histórico dos anos 1920, em que se traçava o projeto modernista empenhado na construção de uma consciência do país, num processo de conhecimento da realidade brasileira. Os modernistas queriam mesmo "descobrir o Brasil".

RENATO CORDEIRO GOMES
Adaptado de www.revistadehistoria.com.br.

Por meio de manifestos, livros e exposições, os modernistas refletiram sobre a sociedade brasileira, avaliando suas principais características e propondo a revisão da identidade nacional.

a) crítica da valorização romântica da natureza tropical
b) desqualificação das heranças coloniais luso-africanas
c) negação da cooperação cultural de artistas estrangeiros
d) reformulação da composição multiétnica da população nativa

02. (UFRGS) Observe a figura a seguir:



A Semana de Arte Moderna, realizada em São Paulo em 1922, representou um marco na cultura brasileira. Tarsila do Amaral trouxe a público, em 1928, a obra o *Abaporu,* que passou a ser representativa do Manifesto Antropofágico.

Esse manifesto

a) defendia a migração de europeus para diminuir a importância dos brasileiros.
b) propunha a "deglutição" da cultura europeia remodelada e devidamente enraizada à terra brasileira, sintetizada na conhecida frase "Tupi or nor tupi, that's the question".
c) exaltava a cultura europeia e o transplante cultural e artístico do Velho para o Novo Mundo.
d) valorizava a presença da cultura estrangeira no Brasil e também a manutenção de padrões arcaicos.
e) justificava a mentalidade subserviente e o sentimento de inferioridade do brasileiro em relação aos europeus.

03 (UPE) Considere a imagem seguinte:



Fonte: http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/modernismo/arte-moderna-1.php

O quadro *Os operários* (1933), de Tarsila do Amaral, é um dos exemplos da arte moderna brasileira. Com base na análise desse quadro e no contexto histórico de sua produção, analise as seguintes afirmações:

I. Esse quadro foi o marco inicial da pintura modernista no Brasil.
II. A Semana de Arte Moderna, realizada no Rio de Janeiro, em 1922, foi um dos eventos iniciais de divulgação da estética modernista no país.
III. O quadro *Os operários* representa, entre outras questões, a diversidade étnica do povo brasileiro.
IV. Além de Tarsila do Amaral, destacaram-se, na pintura modernista brasileira, as figuras de Anita Malfatti e Cândido Portinari.
V. A presença africana no Brasil também está representada na referida obra da artista.

Estão CORRETAS

a) I, II e IV.
b) II, IV e V.
c) III, IV e V.
d) I, III e V.
e) II, III e V.

04. (ENEM PPL)

TEXTO I



Abaporu. Disponível em: www1.folha.uol.com.br. Acesso em: 4 ago. 2012.

TEXTO II

Em janeiro de 1928, Tarsila queria dar um presente de aniversário especial ao seu marido, Oswald de Andrade. Pintou o *Abaporu*. Eles acharam que parecia uma figura indígena, antropófaga, e Tarsila lembrou-se do dicionário tupi-guarani de seu pai. Batizou-se quadro de *Abaporu,* que significa homem que come carne humana, o antropófago. E Oswald escreveu o Manifesto Antropófago e fundaram o Movimento Antropofágico.

Disponível em: www.tarsiladoamaral.com.br. Acesso em: 4 ago. 2012 (adaptado).

O movimento originado da obra Abaporu pretendia se apropriar

a) da cultura europeia, para originar algo brasileiro.
b) da arte clássica, para copiar o seu ideal de beleza.
c) do ideário republicano, para celebrar a modernidade.
d) das técnicas artísticas nativas, para consagrar sua tradição.
e) da herança colonial brasileira, para preservar sua identidade.

05. (ESPM) Observe a imagem e o texto:

"A Cuca" (1924)



Figura canônica da arte moderna brasileira, do início do século XX, a pintora paulista ganha a primeira mostra nos Estados Unidos exclusivamente devotada à sua obra no Museum of Modern Art (MoMA-NY). A exposição é portentosa, com 120 trabalhos (incluindo telas, desenhos, livros de esquetes, fotografias e outros documentos históricos). Paulista de Capivari, a artista estudou desenho, piano, escultura e se mudou para Paris nos anos 1920, para estudar na Académie Julian. Ali, foi aluna de mestres como Fernand Léger, ingressou naquilo que chamou de seu 'serviço militar' no Cubismo.

Fonte: *Revista Carta Capital*, 14/02/2018.

O quadro em questão e o texto devem ser relacionados com:

a) Zina Aita;
b) Lygia Clark;
c) Anita Malfatti;
d) Tarsila do Amaral;
e) Maria Pardos.

06. (UERJ SIMULADO)



Samba, de Di Cavalcanti. Óleo sobre tela, 1927. plastico.blogfolha.uol.com.br



Abaporu, de Tarsila do Amaral. Óleo sobre tela, 1928. pt.wikipedia.org

As telas retratadas acima foram reunidas pela primeira vez no país em 2016 para a exposição "A Cor do Brasil", realizada no Museu de Arte do Rio (MAR). Ambas fazem parte de um inovador movimento cultural que, dentre outros aspectos, rediscutiu a identidade nacional.

A partir da análise das telas, uma proposta desse movimento foi:

a) glorificar a pobreza.
b) naturalizar o exotismo.
c) exaltar a deformidade.
d) valorizar a miscigenação.

07. (PUCRS) Enumerar a segunda coluna de acordo com a primeira, relacionando as ideias, expressões, autores e obras ao que convencionou denominar de Pré-Modernismo e Geração de 22.

1. Pré-Modernismo
2. Geração de 22

( ) Oswald de Andrade
( ) Lima Barreto
( ) Mario de Andrade
( ) "Os Sertões"
( ) fragmentação da narrativa
( ) ruptura com a tradição
( ) ecletismo
( ) irreverência

A sequência correta, de cima para baixo, é a da alternativa

a) 2 - 2 - 2 - 1 - 1 - 1 - 1 - 2
b) 2 - 1 - 2 - 1 - 2 - 2 - 1 - 2
c) 2 - 1 - 2 - 2 - 1 - 2 - 2 - 2
d) 1 - 1 - 1 - 1 - 2 - 2 - 1 - 2
e) 1 - 1 - 2 - 1 - 2 - 2 - 1 - 1

08. (UPE) A tela de Tarsila do Amaral apresenta uma marcante característica do Modernismo.



Assinale a alternativa que contém essa característica.

a) Idealização da natureza, pois no quadro aparecem frutos tropicais.
b) Equilíbrio e racionalismo, pois há na tela a predominância de cores neutras.
c) Resgate da cultura popular brasileira, por se tratar de uma tela em que há elementos da fauna, da flora e do cotidiano do país.
d) Objetividade e racionalismo, por trazer à tona o mar com todo o seu colorido.
e) Religiosidade e cromatismo, principais características da primeira geração do Modernismo.

09. (UFV) Leia com atenção o poema intitulado "pronominais", de Oswald de Andrade:

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro

(ANDRADE, Oswald de. "Obras completas: poesias reunidas". 5a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 125.)

Das colocações abaixo, aquela que NÃO pode ser atribuída a esse poema modernista é:

a) Os versos do poema expressam a defesa de um idioma brasileiro livre e descontraído, aquele praticado pela gramática do genuíno povo brasileiro, o "bom negro e o bom branco".
b) O poema vem reafirmar a posição do poeta em favor da incorporação do discurso coloquial brasileiro à linguagem poética, como o expressa no "Manifesto da Poesia Pau Brasil": "Apenas brasileiros de nossa época. [...] Tudo digerido. Sem meeting cultural. Práticos. Experimentais. Poetas." (ANDRADE, O. 1995, p. 139.)
c) O poeta, nestes versos, defende: "A língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos". (ANDRADE, O. 1995, p. 136.)
d) o próprio título: "Pronominais" já sugere a preferência do poeta pela colocação enclítica do pronome na fala do brasileiro - tendência já expressa no "Manifesto Antropófago", contra a influência da gramática do colonizador europeu: "Antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil já tinha descoberto a felicidade". (ANDRADE, O., 1995, p. 145.)
e) o poema traduz a aversão do poeta ao academicismo, em defesa dos princípios da "poesia pau brasil": "O estado de inocência substituindo o estado de graça que pode ser uma atitude do espírito. O contrapeso da originalidade nativa para inutilizar a adesão acadêmica." (ANDRADE, O., 1995, p. 238.)

10. (MACKENZIE)

I. Minha terra tem palmares
Onde gorjeia o mar
Os passarinhos daqui
Não cantam como os de lá

II. Quando o português chegou
Debaixo duma bruta chuva
Vestiu o índio
Que pena!
Fosse uma manhã de sol
O índio tinha despido
O português

III. Não bebo pinga
Não bebo nada
Bebo sereno da noite
Orvaio da madrugada!

Sobre os três trechos, afirma-se que pertencem a um mesmo poeta brasileiro:

a) da primeira geração modernista, que denuncia satiricamente mazelas brasileiras.
b) que brinca com experimentos linguísticos e é receptivo às vanguardas europeias.
c) que utiliza uma língua coloquial solta, com objetivos satíricos.
d) que subverte a ideologia da seriedade, como está demonstrado desde a paródia do texto I.
e) autor do MANIFESTO ANTROPÓFAGO, cuja frase - Contra as elites vegetais. Em comunicação com o solo - contradiz os valores veiculados por esses mesmos textos.

GABARITO

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

01. A	03. C	05. D	07. B	09. D
02. B	04. A	06. D	08. C	10. E

ANOTAÇÕES